ANA ISABEL MARTINS SANI

"As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental "

Instituto de Educação e Psicologia

UNIVERSIDADE DO MINHO, 2003

Dissertação apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia (IEP) para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, na especialidade em Psicologia da Justiça, sob orientação do Prof. Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves, da Universidade do Minho.

Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, na especialidade em Psicologia da Justiça, realizada no âmbito do programa de POCTI – Formar e Qualificar – Medida 1.1 da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Agradecimentos

Este trabalho representa o incessante esforço de crescimento e desenvolvimento pessoal, possível porque uma pluralidade de outros esforços se conjugaram e apoiaram este projecto. A todas as pessoas envolvidas em geral e a cada uma destas em particular quero dirigir os meus agradecimentos pela conclusão desta dissertação.

Ao Prof. Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves, orientador deste e outros projectos realizados por mim nesta área, agradeço todo o apoio prestado nas diferentes fases deste trabalho, nomeadamente as reflexões, observações e sugestões que incentivaram o traçar de mais uma etapa da minha vida.

Ao Prof. Doutor Leandro de Almeida, o meu agradecimento pela disponibilidade e o carinho com que me recebeu e respondeu criticamente às minhas solicitações no domínio da investigação quantitativa, e sobretudo pela confiança e segurança depositadas para levar este projecto a bom porto.

À Prof. Doutora Carla Machado, agradeço a disponibilidade e sentido crítico com que apreciou o meu trabalho e a partilha de experiência no âmbito da intervenção junto dos menores vítimas de violência.

À minha irmã Carla Sani, fico grata pelo trabalho fastidioso de inserção de dados no SPSS, que conclui com profissionalismo e sem o qual não seria possível a realização de parte do trabalho empírico.

Agradeço a colaboração prestada por pessoas e/ou instituições citadas neste trabalho, nomeadamente no que se refere à composição dos grupos amostrais e a participação voluntária dos muitos meninos e meninas que partilharam comigo as suas histórias, nem sempre fáceis de contar.

Um profundo agradecimento à minha família e alguns amigos próximos que me ajudaram a suportar os momentos mais adversos, atravessados a longo destes últimos três anos.

Ao Filipe, pelo afecto incondicional.

RESUMO

O problema das crianças expostas à violência interparental constitui o tema central desta dissertação. A crescente consciência social e profissional relativamente ao problema do abuso infantil em geral e a maior atenção dada à coexistência de múltiplas situações abusivas num mesmo contexto têm contribuído para aumentar a visibilidade do fenómeno da vitimação indirecta de crianças (cf. capítulo I). É inequívoco o risco que enfrentam estas crianças quando expostas à violência na família, devendo a análise do impacto compreender o estudo das principais variáveis que podem mediar o conflito interparental e o ajustamento da criança, sendo os efeitos directos e indirectos perceptíveis a vários níveis (cf. capítulo II). Várias perspectivas teóricas tem documentado a existência de uma associação entre conflitos maritais e o ajustamento da criança, sendo que algumas destas, apoiadas em estudos empíricos, tentam explicar essa relação, olhando a eventuais mediadores, mecanismos e processos envolvidos (cf. capítulo III). O referencial teórico, mas também empírico nesta área têm contribuído para a sistematização de procedimentos de avaliação e para a organização da intervenção junto de crianças expostas à violência interparental (cf. capítulo IV). O concretização do nosso projecto de investigação (cf. capítulo V) pressupôs a construção, adaptação e validação de instrumentos de avaliação (cf. capítulo VI), que nos permitiram analisar se existem diferenças ao nível das crenças e percepções sobre a violência, entre crianças sem (GI) e com (GII) experiência de exposição à violência na família (cf. capítulo VII). Há entre os grupos diferenças claras nas percepções sobre os conflitos interparentais, todavia ao nível das crenças, o estudo aponta para pequenas dissemelhanças, somente naquelas com substrato sociocultural. Posteriormente, focámos estes e outros constructos psicológicos num estudo qualitativo, que pretendeu analisar em profundidade a vivência de duas jovens expostas durante vários anos à violência entre os pais (cf. capítulo VIII). Completámos essa análise qualitativa com um pequeno estudo que comparou as percepções das jovens e da sua mãe, quanto à experiência de exposição à violência das menores. O uso de outros informadores provou ser útil, quer para uma melhor avaliação do impacto quer para uma definição de áreas de intervenção, todavia as pequenas divergências encontradas ao nível das percepções consolidam a preferência pelos métodos de autorelato na obtenção de conclusões mais válidas sobre a experiência subjectiva das crianças expostas à violência interparental.

ABSTRACT

The problem of the children exposed to interparental violence is the central theme of this dissertation. The growing of social and professional conscience related to the problem of the infantile abuse in general and the largest attention given to the coexistence of multiple abusive situations in a same context have been contributing to increase the visibility of the phenomena of the indirect victimization of children (cf. chapter I). It is unequivocal the risk that these children face when exposed to the violence in the family, then the analysis of the impact must include the study of the main variables that can mediate the interparental conflict and the child's adjustment, and the direct and indirect effects being perceptive at several levels (cf. chapter II). Several theoretical perspectives have been documenting the existence of an association between marital conflicts and the child's adjustment, and some of these, based upon empirical studies, they try to explain that relationship, regarding the eventual mediators, mechanisms and involved processes (cf. chapter III). The theoretical and empirical support in this area have been contributing to the systemization of evaluation procedures and for the organization of the intervention near the children exposed to the interparental violence (cf. chapter IV). The materialization of our investigation project (cf. chapter V) involves the construction, adaptation and validation of evaluation instruments (cf. chapter VI), that allowed us to analyze if there exist differences at the level of the beliefs and perceptions on the violence, among children without (GI) and with (GII) the experience of being exposed to violence in the family (cf. chapter VII). Among the groups there are clear differences in the perceptions on the interparental conflicts, though at the level of the beliefs, the study points out for small differences, only in those with sociocultural substratum. Later, we focused on these and other psychological constructs in a qualitative study, that it intended to analyze thoroughly the experience of life of two young girls exposed for several years to the violence among the parents (cf. chapter VIII). We completed that qualitative analysis with a small study that compared the young girls and their mother perceptions, in regard to the child exposure to violence. The use of other informants proved to be useful, both for a better evaluation of the impact and for a definition of intervention areas, though the small divergences found at the level of the perceptions consolidate the preference for the self report methods in the obtaining of more valid conclusions about the subjective experience of the children exposed to the interparental violence.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1

PARTE I

ABORDAGEM TEÓRICA À PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA INTERPARENTAL 6

CAPÍTULO I - A PERTINÊNCIA DO TEMA EM ESTUDO 8

Introdução 9

1. Compreensão da problemática e o problema das definições 10

2. A exposição da criança à violência nas tipologias de maus tratos 15

3. A relação entre o conflito marital e a vitimação da criança 21

Conclusão 26

CAPÍTULO II - A VIOLÊNCIA INTERPARENTAL NA VIDA DAS CRIANÇAS 28

Introdução 29

1. Variáveis mediadoras do impacto da exposição à violência interparental 32

1.1. Características individuais 33

1.1.1. Idade e maturidade 33

1.1.2. Género 36

1.1.3. Aspectos étnicos, culturais e religiosos 39

1.1.4. Atributos da criança 41

1.1.5. Percepções e interpretações da criança 42

1.1.6. Estratégias de *coping* 45

1.2. Características situacionais / contextuais 48

A. Características situacionais: relacionadas com a criança 48

1.2.1. Experiência passada 48

1.2.2. Suporte social 49

1.2.3. Características dos pais 51

B. Características contextuais: relacionadas com os pais ou o conflito entre eles 54

1.2.4. Contexto 54

1.2.5. Severidade dos conflitos 54

1.2.6. Tipo de violência 57

1.2.7. Conteúdo do conflito 58

1.2.8. Resolução do conflito 58

2. As consequências da exposição à violência interparental 60

2.1. Efeitos directos 61

2.1.1. Reacções emocionais 62

2.1.2. Reacções cognitivas 66

2.1.3. Reacções fisiológicas e comportamentais 69

2.2. Efeitos indirectos 72

Conclusão 75

CAPÍTULO III - ABORDAGENS TEÓRICAS DA VIOLÊNCIA INTERPARENTAL 77
Introdução 78
1. Compreensão teórica da violência interparental: hipóteses explicativas centrais 80
1.1. A hipótese do ciclo de violência 80
1.2. A hipótese da disrupção familiar 87
2. Teorias explicativas 90
2.1. A teoria da aversão de Emery (1989) 90
2.2. A teoria do *stress* pós-traumático de Silverman e Kaersvang (1989) 91
2.3. A teoria de *stress* e *coping* de Jaffe, Wolfe e Wilson (1990) 92
2.4. O modelo cognitivo – contextual de Grych e Fincham (1990) 94
2.5. O modelo de "segurança emocional" de Davies e Cummings (1994) 101
2.6. A perspectiva de Crockenberg e Forgays (1996) 107
2.7. O modelo de Graham-Bermann, Levendosky, Portefield e Okun (1996) 108
2.8. O modelo de Harold e Conger (1997) 110
Conclusão 114

CAPÍTULO IV - PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO JUNTO DE CRIANÇAS EXPOSTAS À VIOLÊNCIA INTERPARENTAL 116
Introdução 117
1. A avaliação de crianças expostas à violência interparental 118
1.1. Procedimentos iniciais de avaliação 118
1.1.1. O nível de suspeita sobre a violência 118
1.1.2. O estabelecimento da relação 119
1.1.3. A quebra do código de segredo 121
1.2. O grau de exposição da criança à violência 123
1.3. A avaliação do impacto da violência 127
1.4. A avaliação do funcionamento familiar 134
1.5. Avaliação para apoio no âmbito jurídico 135
2. A intervenção junto de crianças expostas à violência interparental 141
2.1. Intervenções terapêuticas (nível secundário e terciário) 142
2.1.1. Intervenção individual 144
2.1.2. Intervenções em grupo 146
a) Abordagem junto da criança 148
b) Abordagem junto das mães 151
c) Abordagem junto dos pais e ofensores 154
- Avaliação das intervenções 157
2.2. Prevenção primária da violência 158
Conclusão 161

PARTE II

ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE AS CRENÇAS E AS PERCEPÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE A VIOLÊNCIA 164

CAPÍTULO V - CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO 165

Introdução 166

1. Apresentação global do projecto de investigação 167

1.1. Os objectivos 170

1.2. A metodologia 172

1.2.1. O método 174

1.2.2. Os instrumentos 176

- Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (E.C.C.V.) 178
- Sinalização do Ambiente Familiar Infantil (S.A.N.I.) 180
- Escala de percepção da criança sobre os conflitos interparentais 182
- Entrevista de avaliação – intervenção para situações de vitimação infantil 185
- Entrevista à crianças e às mães vítimas de experiência abusiva 187

1.2.3. O processo de amostragem e os procedimentos 188

1.2.4. A amostra 190

Conclusão 201

CAPÍTULO VI - O PROCESSO DE VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS - DADOS PSICOMÉTRICOS 204

Introdução 205

1. Validação da Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (E.C.C.V.) 206
   - Validade dos itens 208
   - Estudos relativos à fidelidade 208
   - Validade de constructo 214
2. Validação da Sinalização do Ambiente Familiar Infantil (S.A.N.I.) 226
   - Validade dos itens 229
   - Estudos relativos à fidelidade 229
   - Validade de constructo 231
3. Adaptação da escala *Children Perception of Interparental conflict* (C.P.I.C.) 241
   - Validade dos itens 243
   - Estudos relativos à fidelidade 245
   - Validade de constructo 246

Conclusão 264

CAPÍTULO VII

AS CONSTRUÇÕES INFANTIS SOBRE A VIOLÊNCIA – ESTUDO COMPARATIVO 265

Introdução 266

1. Análises de comparações de grupos 267

1.1. O ambiente familiar dos grupos I e II 267

1.2. As crenças das crianças do G I e G II sobre a violência 273

1.3. As percepções das crianças do G I e G II sobre a violência interparental 282

Conclusão 288

CAPÍTULO VIII

O DISCURSO DE CRIANÇAS EXPOSTAS À VIOLÊNCIA INTERPARENTAL 292

Introdução 293

1. Apresentação dos casos 294

1.1. O motivo para o acompanhamento psicológico 294

1.2. A entrevista inicial: descrição sucinta dos casos 294

1.3. Breve análise das respostas às escalas: o meio familiar, as crenças e as percepções sobre a violência 297

2. Estudo comparativo sobre percepções 300

2.1. Viver com a violência: 301

- Percepção da violência 301
- Percepção das necessidade de ajuda 305

2.2. Viver em transição: 311

- Percepção sobre a saída de casa 311

2.3. Viver sem violência: 312

- Percepção do abusador/pai 312
- Percepção das reacções cognitivas e emocionais 314

3. Discussão final: as representações do conflito interparental e o ajustamento psicológico da criança 324

CONCLUSÃO FINAL 331

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 340

ANEXOS 385

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS

CAPÍTULO III

Figura 3.1 – Ciclo intergeracional da violência – Adapt. B. C. /Yokun Society of Transition Houses, Canada 81

Figura 3.2 – Associação entre o abuso da mulher e os problemas desenvolvimentais da crianças (Jaffe, Wolfe & Wilson, 1990, p.64) 93

Figura 3.3 – Modelo cognitivo – contextual (Grych & Fincham, 1990; Grych & Cardoza– Fernandes, 2002, p. 160) 95

Figura 3.4 – Modelo teórico sobre o papel mediador da segurança emocional na relação entre o funcionamento mental e o ajustamento psicológico da criança (Davies & Cummings, 1998) 106

Figura 3.5 – Modelo de Graham-Bermann, Levendosky, Porterfield e Okun (1996) 109

Figura 3.6 – Modelo conceptual de Harold e Conger (1997) 111

CAPÍTULO V

Figura 5.I – Fases de preparação da investigação 167

Figura 5.II – Projecto global de investigação 171

Quadro 5.1 – Grupo I - Distribuição por idade 190

Quadro 5.2 – Grupo I – Cruzamento das variáveis idade e sexo 190

Quadro 5.3 – Grupo I - Distribuição por distrito de origem 191

Quadro 5.4 – Grupo I - Distribuição por meio físico de origem 191

Quadro 5.5 – Grupo I - Distribuição por escolaridade 192

Quadro 5.6 – Grupo I - Cruzamento das variáveis idade e escolaridade 192

Quadro 5.7 – Grupo I – Distribuição por estatuto profissional da figura paterna e materna 193

Quadro 5.8 – Grupo II - Distribuição por idade 194

Quadro 5.9 – Grupo II – Cruzamento das variáveis idade e sexo 194

Quadro 5.10 – Grupo II - Distribuição por distrito de origem 195

Quadro 5.11 – Grupo II - Distribuição por meio físico de origem 195
Quadro 5.12 – Grupo II - Distribuição por escolaridade 196
Quadro 5.13 – Grupo II - Cruzamento das variáveis idade e escolaridade 197
Quadro 5.14 – Grupo II – Distribuição por estatuto profissional da figura paterna e materna 198
Figura 5.III – Desenho metodológico da investigação 201
Figura 5.IV – Relação que se estabelece entre os instrumentos mediante as hipóteses 203

CAPÍTULO VI

Quadro 6.1 – Estatística descritiva para os vários itens da escala (E.C.C.V.) no grupo I 206
Quadro 6.2 – Coeficientes item - total e valores do *alpha de Cronbach* para a E.C.C.V. no grupo I 210
Quadro 6.3 – Coeficientes *alpha de Cronbach* para a globalidade da escala (E.C.C.V.) e algumas variáveis demográficas dos sujeitos no grupo I 211
Quadro 6.4 – Coeficientes de correlação de *Person* para a totalidade da amostra relativas à variáveis idade, escolaridade e o total no grupo I 212
Quadro 6.5 – Coeficientes de correlação de *Person* para a população masculina e feminina da amostra relativas à variáveis idade, escolaridade e o total no grupo I 213
Quadro 6.6 – Matriz de componentes extraídos a partir da análise de componentes principais seguida de rotação varimax (E.C.C.V.) no grupo I. 216
Gráfico 6 A – *Scree Plot* para a E.C.C.V. no grupo I 218
Quadro 6.7 – Matriz de componentes retidos seguida de rotação varimax (E.C.C.V.) no grupo I. 219
Quadro 6.8 – Coeficientes *alpha de Cronbach* para cada um dos factores da escala (E.C.C.V.) no grupo I. 225
Quadro 6.9 – Estatística descritiva para os vários itens da escala (S.A.N.I.) no

grupo I 226
Quadro 6.10 – Estatística descritiva para as situações de vitimação detectadas no grupo I 228
Quadro 6.11 – Coeficientes item - total e valores do *alpha de Cronbach* para a S.A.N.I. no grupo I 230
Quadro 6.12 – Coeficientes *alpha de Cronbach* para a globalidade da escala (S.A.N.I.) e algumas variáveis demográficas dos sujeitos no grupo I 231
Quadro 6.13 – Matriz de componentes extraídos a partir da análise de componentes principais seguida de rotação varimax (S.A.N.I.) no grupo I. 232
Gráfico 6 B – *Scree Plot* para a S.A.N.I. no grupo I 233
Quadro 6.14 – Matriz de componentes retidos seguida de rotação varimax (S.A.N.I.) no grupo I. 234
Quadro 6.15 – Coeficientes *alpha de Cronbach* para cada um dos factores da escala (S.A.N.I.) no grupo I. 240
Quadro 6.16 – Estatística descritiva para os vários itens da escala (C.P.I.C.) no grupo I 241
Quadro 6.17 – Apresentação das subescalas da C.P.I.C. e respectivos itens 242
Quadro 6.18- Matriz de Correlações das subescalas da C.P.I.C. no Grupo I 244
Quadro 6.19- Coeficientes *alpha de Cronbach* para as subescalas da C.P.I.C. no Grupo I 245
Quadro 6.20 - Componentes extraídos a partir do método dos quadrados mínimos generalizados (C.P.I.C.) no Grupo I 247
Quadro 6.21- Componentes retidos a partir do método dos quadrados mínimos generalizados seguida de *rotação Oblíqua* (C.P.I.C.) no Grupo I 248
Gráfico 6 C- *Scree Plot* para a totalidade itens da C.P.I.C. no Grupo I 249
Quadro 6.22- Componentes retidos a partir do método dos quadrados mínimos generalizados seguida de *rotação Oblíqua* (C.P.I.C.) no Grupo I 250
Quadro 6.23 – Componentes extraídos a partir do método dos quadrados mínimos generalizados para a C.P.I.C. no Estudo Original 252
Quadro 6.24 - Componentes extraídos a partir do método dos quadrados

mínimos generalizados para a C.P.I.C. no Estudo Português (G I) 254

Quadro 6.25 – Análise factorial para os grupos I, IA e II (método dos quadrados mínimos generalizados com rotação oblíqua) 256

Quadro 6.26 - Coeficientes alpha de Cronbach para as componentes globais da escala (C.P.I.C.) no estudo original e no estudo português 263

CAPÍTULO VII

Quadro 7.1 – Teste de T de *Student* para os GI e GII no conjunto dos itens da escala S.A.N.I. 267

Quadro 7.2 – Teste de T de *Student* para os GI e GII nos factores da escala S.A.N.I. 268

Quadro 7.3 – Teste de T de *Student* para o género masculino dos GI e GII nos factores da escala S.A.N.I. 269

Quadro 7.4 – Teste de T de *Student* para o género feminino dos GI e GII nos factores da escala S.A.N.I. 270

Quadro 7.5 – Teste de T de *Student* para o subgrupo de crianças < de 14 anos dos GI e GII nos factores da escala S.A.N.I. 271

Quadro 7.6 – Teste de T de *Student* para o subgrupo de crianças ≥ de 14 anos dos GI e GII nos factores da escala S.A.N.I. 271

Quadro 7.7 – Estatística descritiva para as situações de vitimação detectadas no grupo II 272

Quadro 7.8 – Teste de T de *Student* para os GI e GII no conjunto dos itens da escala E.C.C.V. 273

Quadro 7.9 – Teste de T de *Student* para os GI e GII nos factores da escala E.C.C.V. 274

Quadro 7.10 – Teste de T de *Student* para o género masculino dos GI e GII nos factores da escala E.C.C.V. 278

Quadro 7.11 – Teste de T de *Student* para o género feminino dos GI e GII nos factores da escala E.C.C.V. 279

Quadro 7.12 – Teste de T de *Student* para o subgrupo de crianças < de 14 anos dos GI e GII nos factores da escala E.C.C.V. 281

Quadro 7.13 – Teste de T de *Student* para o subgrupo de crianças ≥ de 14 anos dos GI e GII nos factores da escala E.C.C.V. 281

Quadro 7.14 – Teste de T de *Student* para os GI e GII no conjunto dos itens da escala C.P.I.C. 282

Quadro 7.15 – Teste de T de *Student* para os GI e GII nos factores da escala C.P.I.C. 283

Quadro 7.16 – Teste de T de *Student* para os GI e GII nas dimensões da escala C.P.I.C. 284

Quadro 7.17 – Teste de T de *Student* para o género masculino dos GI e GII nas dimensões da escala C.P.I.C. 285

Quadro 7.18 – Teste de T de *Student* para o género feminino dos GI e GII nas dimensões da escala C.P.I.C. 286

Quadro 7.19 – Teste de T de *Student* para o subgrupo de crianças < de 14 anos dos GI e GII nas dimensões da escala C.P.I.C. 287

Quadro 7.20 – Teste de T de *Student* para o subgrupo de crianças ≥ de 14 anos dos GI e GII nas dimensões da escala C.P.I.C. 287

CAPÍTULO VIII

Quadro 8.1 – Distribuição dos resultados das jovens na Escala S.A.N.I. - tipologias de abuso e vítimas do abuso 297

Quadro 8.2 – Notas totais obtidas pelas jovens nas subescalas da C.P.I.C. 298

Quadro 8.3. – Resumo da análise comparativa das percepções das jovens e sua mãe sobre a exposição das menores à violência interparental 321

INTRODUÇÃO

A violência no contexto familiar é unanimemente reconhecida como um problema social grave. Porém, as crianças nas famílias em que tal violência ocorre são muitas vezes vítimas invisíveis, sofrendo em silêncio um problema que pode ter repercussões sérias ao nível do seu desenvolvimento.

O presente trabalho visa, antes de mais, dar visibilidade ao problema da vitimação indirecta, nomeadamente ao das inúmeras crianças expostas no seu contexto familiar à violência entre os pais. Em Portugal, o apoio social, jurídico e psicológico a estas crianças e suas famílias é cada vez mais uma realidade, constatada por 'meia dúzia' de técnicos a trabalhar no terreno. Noutros países, o problema das crianças expostas à violência interparental é motivo de encontros científicos sobre o tema e de inúmeros estudos, desde finais dos anos 70 e inícios de 80. Por outro lado, este tema vigora como ponto assente em algumas legislações (e.g. Canadá, E.U.A.; Nova Zelândia) e é a base de um crescente número de perspectivas teóricas que comprovam e/ou tentam explicar o impacto negativo que a violência interparental tem nas crianças que a esta assistem. O nosso país não pode continuar alheio a este problema. Há que conhecê-lo, enfrentá-lo e preveni-lo.

Um outro objectivo deste trabalho é sem dúvida contribuir para um conhecimento mais aprofundado sobre o impacto desta forma de violência nas crianças. Para tal, envolvemo-nos num exercício empenhado de revisão literária e de ilustração prática de alguns dos aspectos mais importantes que podem apoiar-nos nessa compreensão. Aquele passou não só por considerar variáveis ambientais na exposição, mas prestar também atenção a aspectos como normas de influência cultural, crenças, valores subjacentes ao uso da violência, expectativas e reacções dos cuidadores à criança vitimada e a forma como a criança entende e define as suas experiências. Aliás, este trabalho não pretende ser um mero exercício de retórica, mas uma oportunidade de firmar

conhecimento e ‘dar voz’ aos verdadeiros protagonistas das histórias que tentamos contar.

Este trabalho justifica-se também pela necessidade de se repensar a avaliação e intervenção junto de crianças expostas à violência interparental. A experiência de vitimação destas crianças pode ser tão perturbadora que, tal como para as crianças vítimas de maus tratos, a intervenção terapêutica pode ser extremamente benéfica. Isso exige um conhecimento apurado sobre os procedimentos de avaliação, muitas vezes, intrinsecamente ligados aos de intervenção, tal como pretendemos mostrar num dos capítulos.

Finalmente, procurámos com a investigação, abrir caminho para outros estudos nesta área, os quais possam contribuir para reforçar a consciência social sobre este problema. O foco dos nossos estudos em aspectos cognitivos resulta de uma orientação pessoal e de uma necessidade de demonstrar como é que, com crianças e partindo das suas representações, podemos ter um conhecimento mais real delas, dos seus problemas e recursos para promovermos, se necessário, a recuperação.

Portanto, esta dissertação pretende ser um contributo pessoal, como académica, investigadora e terapeuta.

O presente trabalho está dividido em duas grandes partes. A primeira reúne quatro capítulos que abordam teoricamente diversos aspectos ligados ao problema da violência interparental. A segunda parte é dedicada aos estudos empíricos realizados no âmbito da vitimologia infantil e demais procedimentos necessários para os concretizar e que perfazem um total de quatro capítulos.

No primeiro capítulo foi nossa intenção alertar o leitor para o problema da violência interparental e para a necessidade de se assumir um posicionamento social e pessoal face a este. Defendemos que apesar dos números serem parcos na ilustração da realidade, crescem as evidências, muitas delas com suporte

empírico, de que a exposição da criança à violência entre os pais não é um fenómeno assim tão raro, para além de ter implicações nefastas ao nível o seu ajustamento.

O segundo capítulo pretende explicar o impacto da violência interparental na criança, partindo da explanação de alguns aspectos que ajudam a compreender melhor a relação entre a exposição ao conflito dos pais e o ajustamento da criança, descrevendo as principais consequências que podem resultar dessa experiência de vitimação indirecta.

É no terceiro capítulo que reforçamos a compreensão da problemática em estudo com a discussão das perspectivas teóricas mais relevantes no averiguar e explicar da associação entre os conflitos interparentais e o ajustamento da criança e apresentando, paralelamente, alguns estudos empíricos significativos para a análise dessa relação.

A compreensão teórica prossegue no quarto capítulo com a exposição de procedimentos de avaliação e de intervenção junto de crianças que tenham estado expostas à violência interparental, definindo-se um leque de opções e estratégias ajustáveis aos objectivos mais específicos.

No quinto capítulo, que inicia a segunda parte desta dissertação fazemos a apresentação pormenorizada do nosso projecto de investigação sobre crenças e percepções das crianças acerca da violência. Este trabalho opta pela conciliação de metodologias quantitativas e qualitativas, pelo recurso a diferentes métodos (estatístico e análise de conteúdo) e a vários instrumentos de recolha de informação (escalas e entrevistas). Os vários estudos que se intercruzam, seguem uma sequência lógica que evolui do geral para o particular, sendo primeiramente apresentados os estudos quantitativos, terminando a investigação com o estudo qualitativo.

Assim, o capítulo sexto é dedicado ao trabalho de validação de três instrumentos relacionados com a violência, os quais se destinam a: caracterizar o

ambiente familiar da criança, no que respeita à existência ou não de violência (Sinalização do Ambiente Natural Infantil – S.A.N.I.); avaliar as crenças das crianças sobre a violência interpessoal em geral (Escala de Crenças da Criança sobre a Violência - E.C.C.V.) e; apreender as percepções das crianças sobre os conflitos interparentais (*Children's Perception of Interparental Conflicts* - C.P.I.C). Neste primeiro estudo, participaram 605 crianças contactadas em estabelecimentos de ensino do continente e das ilhas, as quais responderam, sob consentimento, às três escalas supramencionadas.

Segue-se o capítulo sétimo com a realização de um estudo que comparou dois grupos de crianças (G I = crianças sem experiência de violência na família e G II = crianças com experiência de violência familiar) quanto às crenças formuladas sobre a violência interpessoal em geral e quanto às percepções sobre os conflitos interparentais. O grupo normativo (G I) deriva do estudo anterior e o grupo II foi constituído a partir do contacto com instituições que intervinham junto de crianças em situação de risco.

A investigação avança no capítulo oitavo para um estudo de caso, que procurou aprofundar algumas das ideias e conclusões avançadas nos estudos anteriores sobre as representações das crianças sobre a violência. O estudo debruça-se sobre a experiência de vida de duas irmãs com exposição continuada à violência interparental. Estas jovens integram igualmente o grupo II e foram acompanhadas terapeuticamente durante aproximadamente um ano. A análise de caso inclui, ainda, um estudo que compara as percepções das jovens e da sua mãe sobre a exposição à violência interparental. Este capítulo termina com uma discussão, suportada por argumentos teóricos, acerca da relação entre as representações sobre os conflitos interparentais e o ajustamento psicológico da criança, tendo por base os casos em análise.